

## A disciplina de filosofia nos cursos superiores de administração: uma análise institucional

*Sérgio Eduardo F. Vieira*<sup>1</sup>

*Maria Eugênia Castanho*<sup>2</sup>

**Resumo:** Este presente trabalho resulta de um estudo realizado em um curso de Administração, verificando a relação e conseqüentemente o papel da disciplina de Filosofia na formação de jovens estudantes de uma Instituição de Ensino Superior no interior do estado de São Paulo, que propaga qualidade de ensino diferenciada, formando, segundo os veículos de divulgação da própria Instituição, a elite profissional para o mercado de trabalho. O estudo analisa a função que a disciplina de Filosofia recebe ao ser inserida na grade curricular de um curso fora do universo puro da reflexão epistemológica, enfrentando os desafios da atividade prática e dinâmica da administração. A pesquisa contou com uma metodologia qualitativa, reunindo um estudo bibliográfico sobre o tema, aplicação de questionários semi-estruturados pertinentes à visão discente ante a proposta pedagógica da instituição. O estudo está focado na análise dos dados levantados com base na proposta de um ensino de excelência, contextualizando o pensar filosófico, nas realidades contraditórias e desiguais do mercado e das políticas que regem as relações administrativas.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem em Administração. Filosofia. Consciência neoliberal.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente da Rede Anhanguera Educacional na área de Ciências Humanas e Sociais. E-mail: sfazanaro@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas no Programa de Pós-graduação em Educação. E-mail: meu@dglnet.com.br

## **The role of the subject philosophy in the administration college courses: an analysis institutional**

**Abstract:** This present study results of a study in a course of Administration verifying the relationship and consequently the role of the discipline of philosophy at the training of young students of an institution of higher education within the State of Sao Paulo, which propagates differed teaching quality, putting top professionals in the job market, according to the means of publishing of the institution itself. The project analyses the function that the subject Philosophy is given when inserted in the school curriculum of a course out of the plain universe of the epistemologic reflection, facing the challenges of practical and dynamic activity of the administrative quotidian. The methodology used consists of a qualitative investigation that gathers a bibliographical study on the theme, application of semi-structured questionnaires pertinent to the student's view before the pedagogic proposal of the institution. The present study is concentrated on the analysis of the collected data from the proposal of an excellence teaching, contextualizing the philosophical thinking in the conflicting and disparate realities of the market and policies ruling the administrative relationships.

**Keywords:** Teaching-Learning for Administration. Philosophy. Neoliberal awareness.

### **Introdução**

#### **O que se espera da disciplina Filosofia nos cursos de Administração?**

A filosofia não é mera especulação no vácuo ou  
simples jogo de conceitos abstratos.  
É trabalho sobre a experiência real e que cumpre levar  
a cabo sem perder esse sentido do concreto.

(João Cruz Costa)

A Filosofia passou praticamente banida do ensino brasileiro, especialmente no período do regime militar, por causa de reflexos do movimento ocorrido no mundo inteiro em razão de uma ideologia de conciliação da cultura geral com a preparação profissional e da presença do trabalho no currículo educativo. Agora a Filosofia volta, em meio a um

cenário de lutas e discussões<sup>3</sup>, a ser ministrada no ensino fundamental e médio nos estados brasileiros, em nível superior nas áreas humanísticas, e em caráter ético nas demais áreas do conhecimento, retomando a necessidade do pensar filosófico na sociedade.

Nos anos 60, segundo Manacorda (2002), todos os conteúdos trabalhados pela Educação eram distribuídos com igual grau de paridade entre aqueles voltados para a formação geral e formação profissional. Em linguagem moderna, visavam a uma solução para a relação instrução-trabalho, ou seja, do “dizer” e do “fazer”. As disciplinas humanísticas, entre elas a Filosofia, perderam espaço para as disciplinas voltadas para as ciências naturais e produtivas (automação, cibernética, telemática).

Atualmente, a Filosofia consta como matéria obrigatória, de formação básica<sup>4</sup>, como currículo mínimo, na maioria dos cursos de graduação. Tem como objetivo oferecer embasamento conceitual e teórico do universo específico e, ao mesmo tempo, direcionar o olhar crítico da realidade em uma visão ampla e de conjunto. Mesmo fora do universo da administração, observa-se um movimento de renascimento do interesse pela Filosofia, até mesmo sob o ponto de vista mercadológico e do consumo como *best-sellers*.

Apesar do entusiasmo talvez disseminado pelo mercado e por atraentes ideologias alternativas, a maioria dos jovens que ingressa no meio acadêmico, ao deparar-se com a complexidade da linguagem e do pensar filosófico, cria automaticamente bloqueios de aprendizagem no árduo trabalho que é a construção do conhecimento. Isso se torna ainda mais difícil na medida em que o público docente e discente não possui o espírito científico-filosófico e, sobretudo, pedagógico: base para a formação integral da pessoa humana.

---

<sup>3</sup> Em 7 de julho 2006, o Conselho Nacional de Educação (CNE) decidiu, por unanimidade, o retorno obrigatório da disciplina de Filosofia ao Ensino Médio conforme Parecer CNE/CEB nº 38/2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb038\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb038_06.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2007.

<sup>4</sup> Para os cursos de Administração, a última Resolução do CNE foi dada em 13/07/2005. Anteriormente a essa resolução, os debates tiveram sua gestação com parecer e resolução em 1993. No ano de 2001 a CEEAD (Comissão de especialistas de ensino em Administração) submeteu Proposta à apreciação do CNE, sendo aprovado no ano de 2004 a Resolução nº01 inserindo o ensino de Filosofia nos cursos de Administração como Conteúdo de formação Básica.

Além disso, e de inúmeras tentativas de “aproximação popular”, a Filosofia ainda continua sendo rotulada como uma disciplina fora do universo prático, principalmente em cursos profissionalizantes e técnicos. Nestes, os planos de ensino e o projeto pedagógico geralmente atendem o agir pragmático e técnico como fio condutor do programa, o que, na maioria das vezes, compromete a construção do pensamento, pela falta da educação para o pensar e para uma visão ampla e de conjunto que a Filosofia estabelece.

Sob esse paradigma constituído, Freire (2005, p. 69) fundamentou e justificou a função resguardada à Filosofia vista muitas vezes por sua transversalidade, mas sobretudo ao que lhe é atribuído em sua essência:

A Filosofia é considerada uma disciplina que possibilita uma formação humanística e crítica, a capacidade de se desprender – libertar – das questões imediatas do cotidiano, da função técnica e profissional decorrente da profissão abraçada, podendo assim avistar também as questões de longo prazo.

Entender a Filosofia como instrumento para captar a realidade por meio de ideias e conceitos em suas distintas compreensões favorece não só uma melhor aceitação como disciplina formativa nos currículos como também uma nova saída para ideias inovadoras e que traduzem de maneira geral a compreensão da complexidade em que a Administração se insere no mundo de contradições, desafios, competições e sobretudo desigualdades.

A área em questão é talvez uma das mais suscetíveis ao fenômeno da globalização, atingida por modelos administrativos pautados em planejamento estratégico, nela prevalecendo a preocupação com o atendimento ao mundo do trabalho e tendo como foco as grandes empresas.

A especialização dada a esse curso atende às necessidades atuais do mercado que, em meio a inúmeras crises, redescobre por meio desse ensino a exploração, através de políticas de produtividade, lucros, controle de qualidade de produto, saídas para sua sustentação na gerência dos processos determinantes (da economia). Essas características, por sua vez, se referem

às implicações desastrosas de uma visão completamente empresarial no campo social, marcado por grandes desigualdades e injustiças.

As condições em que se colocam a presente pesquisa e o objeto pesquisado partem de uma realidade complexa em sua estrutura histórica, sobretudo no que se refere à formação pedagógica com o viés do mundo do trabalho. Quais então, as possíveis relações? Qual o sentido e o valor de discutir tal problema? Em que medida se objetiva uma proposta educacional e quais embates emperram o desenvolvimento do conhecimento?

Entre essas e outras indagações, construímos os caminhos a serem trilhados para as análises e reflexões. Ao discutir a Filosofia na formação universitária, Severino (2006, p. 91) relatou:

Com a completa impregnação da cultura contemporânea por exacerbado pragmatismo, a educação superior vem sendo vista, cada vez mais, como apenas um aparelhamento técnico para o exercício de operações funcionais na sofisticada engrenagem tecnológica da produção. O que realmente parece contar doravante é a capacitação para o manejo de funções técnicas ou tecnicizadas no mundo da produção, sejam elas relacionadas ao comando operacional das engenharias e das medicinas ou à elaboração de petições no campo jurídico ou até mesmo na composição de relatórios no campo das ainda chamadas ciências humanas. [...] o conhecimento científico em si só tem sentido e valor reconhecidos quando diretamente ligado a uma eficácia técnica.

Foi escolhida para esta pesquisa uma Instituição de Ensino Superior que pudesse retratar o ideário das primeiras escolas de administração, que se tornaram referência de ensino, pesquisa e qualidade na formação dos profissionais de ponta.

A Instituição pesquisada possui como modelo de ensino os grandes centros de excelência na especialização de profissionais para o mercado de trabalho e pesquisa e tem como linha diretriz o compromisso com o ensino de alta qualidade.

## A pesquisa

A pesquisa, pautada em questionários e roteiro de entrevistas, foi direcionada aos sujeitos, para obter rigorosamente o caráter científico da objetividade dos fatos em primeira instância e da subjetividade do pesquisado *a posteriori*, numa análise qualitativa dos dados obtidos, a fim de observar o perfil sociocultural do aluno e posteriormente o seu posicionamento diante do ensino de Filosofia no curso de Administração.

Foram ouvidos 140 alunos do curso de Administração da Faculdade, de março a maio no 1º semestre de 2007, atingindo alunos de semestres diferentes que já cursaram e que estavam cursando a disciplina de Filosofia. Pretendeu-se levantar dados que caracterizam a formação global do aluno e qual sua visão em relação à disciplina de Filosofia na vida intelectual acadêmica e na formação profissional.

O material para análise de dados compõe-se de 3.920 respostas fechadas e 1.260 respostas discursivas apresentadas pelos estudantes do campo pesquisado. As respostas livres, sem qualquer censura, versaram sobre suas próprias vidas, os processos de aprendizagem pelos quais passam durante o curso e o significado que atribuíam à Faculdade naquele momento, descrevendo e avaliando suas experiências como universitários e suas projeções enquanto profissionais e acadêmicos a curto e a médio prazo.

Com as leituras sucessivas do material coletado – questionários, entrevistas e documentos –, optamos pela constituição de unidades de significados que nessa etapa de análise, tornam-se “ato de decifração possível perante a complexa rede de forças que atua sobre o fato” (MEDINA, 1995, p. 33).

O recorte epistemológico dado ao trabalho indica eixos para uma análise que procurou valorizar o posicionamento e o pensar crítico para uma formação humanística, descaracterizados pelo pragmatismo e o utilitarismo. Ambas as categorias serão conceitualizadas e ofereceram embasamento teórico de análise após ser apresentado um perfil sociocultural do aluno pesquisado para contextualizar as relações realizadas.

## **O perfil sociocultural do estudante de Administração da IES pesquisada**

A primeira parte do questionário aplicado aos alunos oferece a possibilidade de visualização do perfil sociocultural dos respondentes. Nascidos no período da redemocratização do país, acontecida na segunda metade dos anos 80, a maioria dos jovens pesquisados ainda teve como berço dos seus primeiros anos de vida um contexto histórico de mudanças sociais e políticas. A luta pelas eleições diretas, pela autonomia dos sindicatos, pelo direito do voto aos analfabetos e sobretudo pela liberdade partidária, inclusive dos comunistas, mostrava que o Brasil passava por grandes mudanças que findaram na promulgação da Constituição de 3 de outubro de 1988, na Assembleia Constituinte. Ao mesmo tempo em que a política passava por transformações, a economia sofria não só no Brasil (a década perdida), mas em toda a América Latina: volatilidade de mercados, problemas de solvência externa e baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Conforme Sader (2000, p.105):

O final do século vê o continente debilitado pela aplicação de políticas neoliberais no plano econômico, que tornaram vulneráveis suas economias, dependentes dos capitais especulativos, enquanto seus Estados perderam força e os embriões de processos de integração regional – como o Mercosul – se enfraqueceram.

Em sua adolescência, o jovem que cursava o ensino médio, assistia à era Fernando Henrique Cardoso e à consolidação do sistema neoliberal, já aberta por Fernando Collor de Melo no Plano Brasil-Novo e Itamar Franco, sistema que marcou fortemente as duas metades do século XX e o começo do atual milênio.

Os dados são importantes para que, ao se analisar o perfil do aluno e as suas “falas”, possa ter-se presente o contexto histórico-cultural em que se dá não só o seu grau de formação em nível superior, como também os níveis anteriores de escolaridade e formação familiar.

O Governo Thatcher, no Reino Unido, provocou o avanço e consolidação do neoliberalismo. No entanto, isso não impediu que as consequências desse regime tivessem fortes marcas em suas vidas, influenciando na visão que têm sobre a formação profissional e as demais projeções que fazem sobre seu próprio futuro.

Assim, foi-se construindo o perfil do estudante e revelando que o contato com o mundo do trabalho somente acontece no último ano do curso, em que se exige o estágio supervisionado. No entanto, um dado importante que contribui para a construção do perfil do pesquisado é que segundo o coordenador da área de humanidades da faculdade,

não são os alunos que procuram vagas para realizar o estágio supervisionado no mercado de trabalho, mas sim as empresas que procuram a Instituição de Ensino para que possam ter em seu quadro de funcionários, (material humano altamente qualificado) os melhores profissionais do mercado, pois formamos aqui *o topo da elite intelectual e profissional* (grifo nosso).

Portanto, somente uma parcela irrisória dos alunos trabalha. Os que exercem essa função, são identificados como proprietários, *freelances*, estagiários que ocupam cargos direcionados ao grupo de líderes e gestores nas empresas. Outra questão abordada no questionário, que tece o perfil do aluno é como ele se mantém informado(a) sobre a situação social, política e econômica do país e do mundo. Numa escala crescente, foi pedido para que o estudante indicasse em ordem de importância o meio utilizado. Optou-se nessa pesquisa em quantificar apenas a opção que indicasse em primeira escala o meio mais utilizado.

O mundo virtual parece dominar o cotidiano desses jovens. A internet ganhou espaço significativo na vida dessa nova geração. As novas tecnologias e o espaço virtual já participam do seu dia a dia, fornecendo o que ele considera como informação. A Internet e Noticiários de TV somam 67,9%, em contraponto aos outros meios como a leitura de jornais (11,4%), as revistas (9,3%) o rádio (1,4%) e a conversa com amigos (9,3%).

Os percentuais registrados na pesquisa retratam as novas exigências frente ao contexto mundial globalizado e multifacetário da modernidade que segundo Castanho (2003, p. 23), podemos denominar de:

[...] maré de globalização contemporânea. Dentre suas inúmeras características destacam-se: o deslocamento do centro dinâmico do sistema da indústria para os serviços, especialmente os que têm relação com as tecnologias derivadas da microeletrônica e muito particularmente a informática.

O mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo e das exigências do modo de produção e do processo civilizatório em alcance mundial. As emergências que a era do globalismo traz à sociedade, fazem com que a realidade passe a ser constantemente dinâmica e veloz, universalizando os mercados e os meios de comunicação.

O mundo global se revela por maneiras independentes. Tudo é possível para que se chegue primeiro, com eficiência e atendendo, com sucesso, o esperado. Assim, os meios de que a informação se utiliza no seu processo de comunicação passam pelo crivo da competitividade, quando não da ilusão de uma realidade puramente imediatista.

Segundo Ianni (2002, p. 27):

[...] O mundo se povoa de imagens, mensagens, colagens, montagens, bricolagens, simulacros e virtualidades. Representam e elidem a realidade, vivência e experiência. Povoam o imaginário de todo mundo. Elidem o real e simulam a experiência, conferindo ao imaginário a categoria da experiência. As imagens substituem as palavras, ao mesmo tempo em que as palavras revelam-se principalmente como imagens, signos plásticos de virtualidades e simulacros produzidos pela eletrônica e pela informática.

E ainda:

[...] permitem transmitir, modificar, inventar e transfigurar signos e mensagens que se mundializam. Correm o mundo de modo instantâneo e desterritorializado, elidindo a duração. Criam a ilusão de que o mundo é imediato, presente, miniaturizado, sem geografia nem história.

A própria necessidade e os parâmetros da Administração focam a busca constante pela eficácia e, conseqüentemente, algumas bases formativas podem se tornar comprometidas diante da fugacidade dessas rotinas.

Chauí (2001, p. 131) reafirmou:

Não por acaso, na cultura, o romance é substituído pelo conto, o livro, pelo *paper*, e o filme, pelo videoclipe. O espaço é sucessão de imagens fragmentadas; o tempo, pura velocidade dispersa. [...] incorporam sem crítica e sem reflexão essa perda do antigo referencial da racionalidade. É fácil comprovar a ausência de críticas pelos temas que são pesquisados – o gosto pelo micro, o gosto pela “diferença”; pela docência submissa aos estudantes como consumidores que esperam dos cursos a gratificação narcísica instantânea, como a televisão lhes dá; pelo fascínio dos *papers*, das parcerias, do vocabulários, da competitividade, da eficiência e da modernidade, como se a universidade, para esconder a crise da razão, operasse com categorias como a eficiência, a competitividade, a modernidade, categorias que ela não produziu e sobre as quais ela não tem ideia.

Um ponto fundamental da pesquisa está justamente na questão seguinte. Questiona-se se o jovem atua em algum movimento social. O quadro geral indica que 72,9% dos alunos **não atuam** em nenhuma organização ou movimento social. A abordagem utilizada nessa questão oferece margem a inúmeras análises. Quando perguntados como projetam sua vida profissional nos próximos 5 anos, e quando se questiona, diante do percurso realizado no aprendizado filosófico, como observam temas como: globalização, Mercosul, virtualidade, avanço científico-tecnológico, ética, neoliberalismo, exclusão social, poluição ambiental, preservação de recursos, cidadania, deterioração das cidades, desemprego, violência e movimentos sociais, as respostas revelam certa linearidade. De maneira geral, elas refletem a preocupação com o sucesso profissional, destacando o desejo para as relações internacionais:

- “Estar altamente qualificado para concorrer aos melhores cargos” (Q3)

- “Só existem duas possibilidades: multinacional ou setor público.” (Q32)
- “Sucesso profissional e empresarial” (Q37)
- “Próprio negócio ou multinacional” (Q52)
- “Trabalho em empresa da família ou multinacional” (Q54)
- “Trabalhando em uma empresa conceituada e aprimorando a cada ano meu conhecimento e o meu currículo” (Q101)
- “Espero estar trabalhando em uma boa empresa, num cargo de prestígio e ganhando bom salário” (Q119)

Fica caracterizado, com base nos dados coletados, o perfil de um aluno que possui uma visão pasteurizada da sua sociedade, com preocupação exclusiva de prosperidade financeira e sucesso profissional. No entanto, a perspectiva de crescimento desses estudantes encontra-se fora do país:

- “Estudar fora, fazer estágio em grandes empresas” (Q4)
- “Bom cargo, com ótimo salário, em empresa no exterior” (Q72)
- “Programas de trainee em multinacional no exterior” (Q11)
- “Crescimento em outro país”. (Q124)

Não encontramos em qualquer momento da pesquisa a preocupação para participação no desenvolvimento nacional. A alusão à questão retrata o papel educacional da Instituição que reforça a preocupação em formar a elite intelectual e profissional sem vínculos com os problemas sociais do país, visto que as melhores oportunidades parecem estar em terras estrangeiras.

No que tange às respostas da observação do aluno a temas globais, foi detectado de maneira geral um grau de interesse considerável, uma vez que o curso de Administração procura oferecer ao aluno inúmeras possibilidades de especializações e, conseqüentemente, nas gerências de projetos, poderá deparar-se com problemas de ordem social.

Somente os temas como poluição ambiental, preservação de recursos e deterioração das cidades predominaram como preocupação

exclusivamente pessoal. Pode ser notado que parcela significativa nos temas virtualidade e neoliberalismo atinge um índice de desinteresse frente à aprovação dos demais.

Parece-nos que temos um aluno preocupado com os problemas sociais mundiais. No entanto, cabe-nos indagar: sob que ótica se dá a discussão desses temas? O interesse realmente existe? Em que olhar? Já que, na questão sobre atuação social, parcela esmagadora dos respondentes não atua socialmente, estarão devidamente problematizados e contextualizados? Que relações podem estar sendo feitas? Daí decorre que apenas o falar sobre os temas polêmicos e significativos do ponto de vista social não implica necessariamente discuti-los criticamente, tornando visíveis seus determinantes históricos, políticos. E esse ponto nos parece decisivo para a formação de uma consciência social valorativa, qualificando inequivocamente sua forma de inserção na realidade do trabalho.

Um dado interessante e que vai compondo o perfil do aluno pesquisado é o item que indaga o grau de importância dado à contribuição para a melhoria da sociedade, quando infere sobre os motivos que o levaram à escolha do curso; pouco relevante ou que não tem importância alguma somam 59,3% dos respondentes, contrapondo 11,4% que consideram o item muito importante. A preocupação individualista e de cunho estritamente subjetivo leva a considerar que as preocupações levantadas em outras questões com vieses sociais possam ser meramente retóricas.

Os dados demonstram o ambiente em que o estudante convive. Lugar onde as ideias são impostas, as relações são amadurecidas, os posicionamentos tornam-se ideológicos, reafirmando a que se propõem e quais interesses defendem. O perfil sociocultural elitizado e amarrado a interesses classistas reforça a condição pasteurizada do pensamento, tornando-o regulador na medida em que a manutenção do sistema advém de institutos que produzem e reproduzem profissionais para esse mercado.

Analisamos a seguir como esse aluno pensa e vê a Filosofia em sua formação.

## **O envolvimento do aluno com a disciplina de Filosofia**

Foram propostas aos alunos questões abertas, específicas em relação à Filosofia e ao curso de Administração. As apreciações dos alunos são reproduzidas de acordo com a redação original. Os dados entre parênteses referem-se à identificação do questionário.

Perguntou-se: quais são as contribuições que a disciplina de Filosofia oferece em relação ao curso e como é percebido esse aprendizado diante dos futuros desafios profissionais. Obtivemos respostas heterogêneas quanto ao enfoque dado, porém todas com caráter predominantemente utilitarista. Vejamos:

- “Apesar de não gostar muito de Filosofia, acredito que ela possa ser um pouco útil.” (Q99)

- “Espero conhecimento e cultura, podendo utilizar alguma coisa. Contribui para a formação ética humanística”; (Q 30)

- “Sinceramente não sei, não consegui pensar filosoficamente. E até hoje não entendo. Não sei. Em nada talvez. Pensar em coisas abstratas, não ser nem um pouco objetivo. Acho que pode ser melhor explicado, pois eu não consegui ver uma utilidade nela. Talvez tenha alguma, mas eu não sei” (Q123).

- “Ela poderia oferecer mais se fosse oferecida de modo prático. Pelo modo que nos foi passado não será muito utilizada, não agregou muito. Pode ser muito interessante caso seja oferecida de modo motivador” (Q126)

- “Não utilizo. Não acho importante. Acho legal. Porém a matéria Filosofia deveria ser mais prática, ou seja, fazer paralelos e analogias com o mundo atual” (Q137).

- “Terei um olhar diferenciado perante assuntos, o que será vantajoso pra mim. Procurarei sempre extrair os principais aprendizados e aplicá-los a cada situação” (Q70).

Além da visão pragmática dada às respostas, percebe-se a dificuldade em enxergar, no ensino da disciplina, seus objetivos e as possíveis correlações. Verdade, pensamento, procedimentos

especiais para conhecer os fatos, relação entre teoria e prática, acúmulo de saberes são questões meramente filosóficas e que, dados tais posicionamentos, anulam essa possibilidade de conhecer e perceber a realidade de maneira crítica e reflexiva, podendo tornar-se um universo estático e/ou alienado.

- “Muita “viagem”, porém é interessante. É legal, pois gostei da matéria, mas não acho muito importante. Importante pois estimula uma capacidade de debates importantes no mercado” (Q125)

- “Já vem acontecendo... ensina toda mecânica do meio econômico entender os pensamentos e entender a imagem do mundo. Estarei apto a ter um raciocínio mais rápido e consciente de vários mecanismos e situações”; (Q60)

A relutância em negar a filosofia, como descaracterizar seu papel, torna-se questionadora, pela proposta em que está inserida. Um ensino forte, de qualidade, com visão ética e humanista não deveria ter tais índices de resistência e negação da disciplina. No entanto, o que se levanta são problemas pertinentes a uma possível proposta curricular com maior clareza, ou ainda um posicionamento pedagógico de ensino coerente com o que se pretende formar.

### **Conceitualizando as unidades de significação**

No caminho para identificar categorias representativas dos discursos retratados nos questionários e entrevistas, deve-se levar em consideração, além da realidade sócio-econômica e cultural, um fator preponderante à área em estudo que decorre das escolas de administração. Nelas, são evidenciadas teorias organizacionais que veiculam valores e discursos ideológicos de um projeto hegemônico que segundo Gurgel (2003, p. 32):

[...] se “disfarçam” sob o instrumental da gestão empresarial/ organizacional no fenômeno da contemporaneidade, na formação da consciência social [...] difundindo através do genérico *administração flexível* e suas expressões materiais –

gestão de qualidade, reengenharia, terceirização, virtualização, multifuncionalidade e outros conceitos e técnicas gerenciais em relevo (grifo do autor).

A mentalidade técnica, impregnada na ação pragmática, é caracterizada pelo instrumentalismo e pelo utilitarismo. Tais conceitos se encadearam ao longo da história, direcionando o agir e o pensar humanos de maneira que tais princípios norteassem o imediatismo hedonista (o bom como útil).

A corrente filosófica do utilitarismo arraigada com as concepções e ideais iluministas e positivistas obtiveram, sob um viés humanista, críticas aos seus modelos de conceber a realidade pela razão humana de modo exaustivo, transformando-a de objetiva em instrumental. Entende-se por razão objetiva aquela que admite uma ordem no mundo, o sentido da vida humana, a existência de fins últimos a conseguir.

As condições dadas pelo filósofo, indicam o delinear pela construção da felicidade humana fundamentado no princípio da utilidade. Esse princípio é a base de toda ética racional e toda legislação em que Bentham (1979, p. 95) teoriza cientificamente o comportamento humano. Assim, o “princípio de utilidade” formulado pelo autor se estabelece.

Considerando que as ações humanas são regidas pelo princípio da utilidade independente de sua intencionalidade individual ou coletiva, o sentido estabelecido do agir cabe aos critérios da moral que Bentham (1979, p. 96), estabelece como “[...] a arte de dirigir as ações do homem para a produção da maior quantidade possível de felicidade em benefício daqueles cujos interesses estão em jogo”.

O campo pesquisado retrata de maneira clara o significado e a representação da categoria levantada. Entender o utilitarismo nas dinâmicas da complexidade humana do mundo contemporâneo é perceber as emergências reprodutivas do modelo que se espera, ou que se quer de sociedade e de educação. No contexto neoliberal em que se insere tal realidade, a educação quanto mais atende ao mercado capitalista – parafraseando Mézaros (2005) – mais vira mercadoria, ou se não o é, não serve, não tem utilidade.

## **Considerações finais**

A riqueza dos dados nos possibilita inúmeras análises e abordagens diante do objeto de estudo. No entanto, o enfoque dado privilegiou o esforço racional para conceber e ordenar a realidade mediante os desafios da contemporaneidade e da visão de mundo.

Para justificar a necessária presença da formação filosófica no Ensino Superior, partimos da premissa de que a finalidade da educação superior não pode exaurir-se somente nesse perfil de profissionalização técnica. E que, além desse necessário preparo técnico dos profissionais e da fundamentação científica que deve servir-lhe de lastro, a educação superior precisa investir profundamente na formação humana dos estudantes. Tal formação humana – para além de qualquer retórica idealista – está relacionada com uma forma aprimorada do existir das pessoas humanas, historicamente situadas.

A Filosofia, portanto, se entendida como mera designação ou ferramenta para resolução de problemas administrativos ou ainda como instrumento de regulação em que se julgue o útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, tem no currículo básico uma razão de existir que se torna dispensável, desnecessária e até mesmo prejudicial. Trata-se, sem dúvida, de um objeto que soa utópico e de difícil consecução, à vista da realidade pesquisada.

Nenhum profissional será, efetivamente em sua prática histórica, apenas um técnico; ele será, necessariamente, um sujeito interpelado pela história, pela sociedade, pela cultura e pela humanidade, devendo dar-lhe respostas que vão muito além de seu desempenho puramente operacional no âmbito da produção.

Certamente, a pesquisa ofereceu a esse texto algumas reflexões, respondendo a algumas questões e deixando outras em aberto para futuras análises na construção do conhecimento.

Por fim, as palavras de Chauí (1994, p. 15) elucidam o tema trabalhado na presente pesquisa:

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

Cabe-nos questionar, portanto, que se esse saber emancipatório, humanista, não se torna claro em seu processo de ensino-aprendizagem aos futuros profissionais desse campo, fica marcado nesse estudo que as artimanhas neoliberais do capital ofuscam o papel da filosofia. Apropriam-se desse saber universal, reproduzindo de maneira descompromissada e como uma obrigação curricular a ser cumprida, com data no calendário para ser encerrada. As possibilidades de desenvolvimento do pensamento contraideológico ficam seriamente comprometidas.

## **Referências**

BENTHAM, J. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. Tradução de Luiz João Barauna. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CASTANHO, S. Globalização, redefinição do Estado nacional e seus impactos. In: LOMBARDI, J. C. (Org.). *Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais*. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2003.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FREIRE, R. Filosofia na formação universitária. In: KOHAN, W. (Org.). *Ensino de Filosofia – perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GURGEL, Cláudio R. M. *A gerência do pensamento: gestão contemporânea e consciência neoliberal*. São Paulo: Cortez, 2003.

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Teorias da globalização*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

MANACORDA, M. *História da Educação*. Da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2002.

MEDINA, C. *O diálogo do possível*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

MÉSZAROS, I. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

PELUSO, L. A. A ética utilitarista como ciência social aplicada: a visão engenharial de Jeremy Bentham. *Reflexão*, Campinas, v. 49, n. 1, p. 27-37, 1991.

SADER, E. *Século XX: uma biografia não-autorizada*. 3. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

SEVERINO, A. J. A Filosofia na formação universitária. In: MAAMARI, Adriana M.; BAIROS, Antônio T. C. de; WEBER, José Fernandes. (Org.). *Filosofia na universidade*. Ijuí: Unijui, 2006. (Coleção Filosofia e Ensino, v. 9).

*Recebido em: 28/4/2008*

*Aprovado em: 19/11/2008*